

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondência não franqueada, não sera' recebida. — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 39

TERÇA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

O senhor D. Pedro V está gravemente enfermo. A sua existencia corre perigo eminente, e segundo as ultimas noticias da capital a sua situação é desesperada.

Que fatalidade pesa sobre a familia real portugueza!

Ainda hontem a morte invadia a morada do rei, e lhe arrebatava uma das existencias mais caras ao seu coração, e já hoje bate de novo á sua porta, ameaçadora e terrivel, como sequiosa de mais illustres victimas.

Hontem era o sr. infante D. Fernando, o manebro no verdor dos annos e das crengas, que expirava nos braços do rei; hoje é o proprio monarca que trava lucta medonha com a morte, como se tão cedo devesse ser preza do tumulo, e deixar resvalar a corôa da frente juvenil!

A Providencia nos seus insondaveis designios tenta muitas vezes provar na adversidade os reis e os povos. Portugal está passando por uma destas provações tremendas!

Deus vele pelo rei.

Cremos que nem só um dos seus subditos deixará de enderessar ao ceu neste mumento preces sentidas pela conservação da sua vida.

A. P.

O parlamento obrio-se para se tornar a fechar. Teve lugar uma especie de representação scenica, em que o pano cahiu antes que os actores tivessem occasião de dizer uma palavra. Para fallar com mais propriedade: abrio-se o theatro, illuminou-se a sala, povoaram-se os camarotes, e subio o pano para o empresario prevenir o publico de que a representação não podia ter lugar e ia ser addiada!

Estas farças em que entra a magestade do poder supremo, e se envolve a pessoa do rei, são realmente deploraveis. Não discutimos a conveniencia do parlamente funcionar ou não nesta quadra. Mas se essa conveniencia existia de facto, conservassem-o aberto, e empregasse o governo com os seus amigos os meios de os fazer comparecer. Se não existia, addiassem-o logo francamente para janeiro. O mais são expedientes ridiculos. Não ha precedente que os desculpe.

Havia neste paiz uma lei que determinava a convocação do parlamento para o dia 2 de janeiro. Julgou-se que assim haveria menos tempo para discutir, e que a sessão se enternava muito pela estação calmosa. Remendou-se a lei. Resolveu-se que a convocação se fizesse para novembro.

Surge agora outro inconveniente que não lembrara logo, e vem a ser a impossibilidade do ministerio apromptar trabalhos no pequeno periodo que medeia desde o encerramento das cortes até á sua abertura em novembro, e que pos-

sam ser-lhes presentes. Faz-se pois a caricatura a que acabamos d'assistir, afim de se não faltar as formulas da lei, e se conciliarem as conveniencias ministeriaes.

As nossas reformas são sempre assim: deixam as cousas em peor estado do que aquelle em que ellas se acham.

Ha quem explique isto por outro modo e não creia verdadeiro o motivo allegado. Não o será. Mas para pretexto politico, figura-se-nos imbecil, incapaz de melhorar a situação, e renovar-lhe os alentos, que vac perdendo visivelmente. Em novembro ou em janeiro, a sorte do ministerio está resolvida.

Escusam de redigir boletins officiosos, em que lhe deem uma saude robusta, porque não são capazes de insuflar a vida no doente que se acha agonisante. Podem illudir alguns zotes de boa fé, mas não se illudem a si, nem o enganam a elle, que é de todos quem tem de si peor opinião.

Não o dizemos, porque desejemos apressar-lhe os dias de vida com augurios fataes, nem queiramos tripudiar sobre a sua sepultura. Para nós é quasi indifferente que morra ou que viva. Não lhe herdaremos os cabedacs, nem lucraremos com a substituição. Podem crelo.

O paiz talvez pouco lucre tambem, porque a administração publica está restricta a um certo circulo, fora do qual não ha ir buscar remedio. E em quanto assim for, a não do estado hade continuar a arrastar-se como em mar procelloso, e com ventos ponteiros.

Mas o actual ministerio cairá. Confessam-o os terrores dos seus paranimphos. Apregoam-o os sustos com que elle caminha. Envolta do seu leito piam os mochos agoureiros, que vaticinam a morte proxima. O adiamento das côrtes não foi portanto um expediente, como querem os seus adversos.

Mas quando o fosse, não retardou senão de dois mezes o fatal acontecimento. Para quem tivesse mais dignidade politica, e menos amor ás pastas, não valia de certo a pena de o empregar.

A. P.

Não ha duvida que ha na questão dos arrozacs duas faces um pouco differentes, posto que modeladas pela mesma sciencia, a hygiene publica—são a salubridade ou insalubridade, e a policia, ou execução dos regulamentos—Esta pertence á policia higienica; e estando encarregada aos subdellegados de saude, analfabetos pela maior parte, corre descuidada; pelo que é necessario que os jornaes reclamem este serviço publico tão util á cultura do arroz e á salubridade publica: a outra é do foro da hygiene propriamente dita e só está ao alcance dos homens que professam estes conhecimentos.

Já vê o distincto collega da *Politica Libe-*

ral que bem longe de o censurarmos por tratar da policia dos arrosaes, pelo contrario viriamos em seu auxilio com as nossas poucas forças; podem deus a segunda parte por tal forma como demonstrada que julgámos teria para isso outras razões, que não são as apontadas nesse famoso relatorio, com que o collega se quer escudar; assim permita-nos algumas reflexões que só desejamos sejam na altura em que o collega nos respondeu.

A questão dos arrosaes tem dado lugar a discussões acaloradas e ultimamente á confecção d'um relatorio volumoso; e apesar de se ter escripto tanto, sabe-se pouco e resume-se excessivamente o que a tal respeito ha.

As analyses chemicas nada nos disem a respeito dos miasmas desenvolvidos nos arrosaes e julgamos que tal palavra é aqui como o *papão* para calar os meninos.

As febres intermittentes graçam de preferencia nas povoações junto ás quaes ha pantanos, e este facto por todos reconhecido, esta verdade incontrroversa é a base da questão dos arrosaes, porque se disse—mas os arrosaes são pantanos, logo contribuem para a producção das intermittentes.

Estê principio que em hypothese é verdadeiro—graças ao deseio em que está a cultura do arroz—não é em these: os arrosaes nos terrenos pantanosos melhoram-lhe consideravelmente as suas condições, e nos não pantanosos podem, pelo systema de irrigações periodicas, ser tão innocentes como outra qualquer cultura regada.

É neste campo que os anti-arrozalcios tem sido fortemente combatidos, e d'aqui tem fugido, appellando para a estatistica da mortalidade; não queremos chamar o collega aos terrenos dos arrosaes, diremos somente que sendo os arrosaes a causa das febres produzidas pelos miasmas, acontece com admiravel extraneza que os trabalhadores que nelles se occupam são mais poupados que os outros!!!

Demos de leve todas as considerações que podiamos fazer, e vejamos o que a prática nos tem ensinado.

É certo que com o desenvolvimento da cultura do arroz coincidiu o augmento das febres miasmaticas tornando-se até mais rebeldes ao tratamento especifico; desde logo tocaram os sinos a rebate, predispoz-se o povo e amotinou-se mesmo, donde resultou a prohibição da cultura em alguns concelhos: os animos acalmaram, porque a experiencia mostrou que as febres continuavam do mesmo modo depois de prohibidos os arrosaes, e as molestias que, sem dívida, dependiam d'outra causa, appareciam nos logares não pantanosos: esta prova não foi sufficiente, mas logo veio outra mais forte—estes tres annos os arrosaes tem continuado quasi na mesma escala e com

o pessimo systema de cultura, e apesar de todos os pesares as febres diminuíram tão sensivelmente, que ninguem por aqui se atreve a levantar a voz contra os arrosaes. Outro tanto não acontece na capital, aonde as impressões de terror ainda não passaram, não obstante esta prova irresponsivel!!!

As febres miasmaticas existiam já d'ha muito, e já por vezes tinham apresentado exacerbções como a que teve logar ha alguns annos; logo, sendo isto uma verdade incontestavel, é forçoso admitir, que os arrosaes apenas podiam auxiliar as causas das febres, que já antes d'elles existiam; mas neste caso os que mais de perto tratassem do arroz, deviam ser os primeiros a ser atacados, o que não tem logar, e continuando a existir a causa, não podia cessar o effeito, como já dissemos tem acontecido estes tres annos.

A estatistica a que o collega chamou a inexoravel logica dos numeros, nada prova; para poder argumentar com ella, era necessario que a houvesse.

O collega sabe muito bem que aos arrosaes só se atribuem as affecções provenientes d'infectão miasmaticas, assim para se poder dizer *cada 16 hectolitros d'arroz custam uma vida!* era necessario que dos 728 obitos se soubesse quaes os que morreram de velhice, quantos os infantes, que morreram das epidemias devastadoras etc. etc.

Tudo o que não seja isto, será tudo, menos logica inexoravel.

De mais, a media da mortalidade nunca pode ser tirada da mortalidade de dois annos—é preciso sommar um bem maior numero.

Do que levamos dito, não se deduz que somos cegos partidarios dos arrosaes—queremos a sua continuação, porém somente nos terrenos proprios, e de accordo com um regulamento formulado pela hygiene, e escriptosamente executado—se a commissão encarregada de estudar os arrosaes o tivesse feito, teria andado com mais logica e mais aproveitamento.

Dizem-nos de Lisboa que, em consequencia das vagaturas que tem havido nos bispados do reino, o governo tenciona proceder, antes de se abrirem as côrtes, á nomeação d'alguns prelados, transferindo outros que se acham colocados em dioceses do ultramar.

Não approvamos completamente este pensamento das transferencias, porque nem os bispos podem dedicar-se de veras aos cuidados que demandam as suas dioceses, tendo a certeza ou a probabilidade de serem brevemente trasferidos d'ellas, nem aprofundar o conhecimento dos rebanhos confiados á sua guarda.

Quanto ás nomeações, preciso é que o governo tenha nisto o maior cuidado, escolhendo eclesiasticos dignos da missão prelatia.

A. P.

FOLHETIM

NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR
ALEXANDRE DUMAS.
Cumas e os pelagos.

(Continuação do n.º 36)

A aridez e severidade que caracterisam a arte etrusca não pertencem mais aos egypcios que aos hellenos? Juntamente com as artes não herdaram tambem os deuses dos pelagos tyrrhenos? Não era por ventura a flauta lydia, a flauta que veio a ficar assim como a trombeta, instrumento nacional d'um povo silencioso, que nem conhecia o canto, e que depois amassava o pão e castigava os escravos ao som daquelle instrumento, conforme nos contam Aristoteles e Plutarcho?

São estes os quesitos do problema: se os enunciámos que outro mais sabio tome a seu cargo resolvê-los.

Deixemos ficar por tanto as hypotheses, e voltemos aos factos.

No anno 564 antes de Christo os etruscos tentaram apoderar-se de Cumas, porem foram repellidos.

Pouco depois de Xerxes d'accordo com os cartaginезes ter invadido a Grecia e a Sicilia, os etruscos pela segunda vez ameaçaram a grande Grecia, e marcharam sobre Cumas com 15000 infantes, e 8000 cavalleiros.

Corria o anno 474 antes de Christo. Gelão, que derrotára os cartaginезes junto a Hymera, e que lhes tinha imposto a abolição dos sacrificios humanos como a primeira condição de paz, que

de boa vontade concedia, — Gelão expirára ha pouco tempo em idade avançada, e farto de gloria, porque tinha salvado Syracusa no mesmo dia em que Temistocles salvára Athenas. Hero, seu irmão e successor ouviu as supplicas de Cumas, correu a defendê-la com numerosas triremes;—os etruscos foram vencidos, e Pindaro cantou a gloria do vencedor.

A expedição franceza da Morêa descobriu em Olympia, nas ruínas do templo de Jupiter, o capacete offerecido por Hero ao rei dos deuses em agradecimento da victoria de Cumas; lia-se nelle a seguinte inscripção:

*Hero de Syracusa
offereceu esta dádiva a Jupiter
depois da sua victoria
de Cumas.*

Mas Cumas, que tinha vencido os etruscos, não pode resistir aos broncos pastores que desceram dos Appeninos, e que transformaram os cajados em clavas pesadas. 416 annos antes de Jesus Christo, isto é, dois annos depois da batalha de Mantinea, e um anno antes d'Alcibiades arriscar temerariamente os athenienses na campanha da Sicilia, Cumas foi conquistada por os samnitas, que se houveram com horrivel crueldade. As ruas se entulharam com os cadaveres dos cidadãos degollados, e apenas metade dos vencidos poude refugiar-se em Napoles.—Eram os antepassados que vinham pedir asylo aos seus descendentes.

Vendo Cumas despovoada, os vencedores deixaram ali uma colonia de montanhezes, e finalmente a Cumas samnita e seus vencedores tiveram de dobrar a cerviz debaixo do jugo romano. Passavam-se estes acontecimentos cerca do anno

365 antes de Jesus Christo, que foi o momento em que a aguia do capitolio começou a alargar progressivamente sobre o Lacio e regiões circunvisinhas as pandas asas, que tinham de ficar estendidas sobre o mundo durante doze seculos, como lhe tinham prophetisado os doze abutres de Romulo.

Sob o dominio dos primeiros cesares Cumas principiou a decair sendo eclipsada por Puzzuoli, Miseno, e a voluptuosa Baia, tão fatal á honra das senhoras romanas; com tudo nos dias da sua grandeza pagára tributo á civilização antiga, e Athenas certifica a superioridade das suas artes e industria, assim como o luxo dos vestidos urdidos d'ouro e seda. Sobre tudo os seus vasos pintados gosavam d'uma reputação proverbial.

Totila, rei dos godos, desde 541 até 552 tentou erguer a monarchia moribunda; reconquistou dos imperadores gregos Napoles, Benevento, Spolito, Perusa, Placencia, Florença, a propria Roma, e por tanto — Cumas, — mas perdeu a logo sendo derrotado em Tagina por Narsés, — o eunucho bellicoso, que em vingança do insulto que recebera de Sophia, mulher de Justino 2.º, atirou para a Italia os longobardos, antepassados dos heroes, que agora acabam de conquistar a Sicilia e Napoles: — cada maravilha dos acontecimentos humanos que sob a mão da providencia, vão semeando no passado a colheita do futuro!

Morto Totila, foi em Cumas eleito rei dos godos—Teia, que estava destinado a ser derrotado em Nocera por aquelle que em Tagina derrotara o seu predecessor. No castello de Cumas, um dos mais fortes da Campania, occultou o rei os seus

thesouros;—e encerrado ali se defendeu por muito tempo seu irmão Aligerno, depois de haver sido desbaratado nas margens do Sarno, — no mesmo logar onde mais tarde Fernando 1.º d'Aragão foi vencido por João d'Anjou. Porem Narsés penetrou na gruta da sibylla, minou os alicerces das muralhas, e as muralhas desmoronando-se abriram brecha, e deram passagem á victoria.

Seis centos annos mais tarde era Cumas um covil de bandidos; por isso foi destruida por os napolitanos, e os seus antros entulhados com pedras.

A rocha de Cumas é somente accessivel pela parte meridional, e desta parte é que era habitada. Encostada a um rochedo volcanico cortado a prumo pela natureza, era impossivel ser escalada pelo norte, nascente, ou poente. Os muros que cercavam a acropole ainda hoje se conservam quasi inteiros; e o curioso viajante ainda distingue perfeitamente a porta principal. A base da muralha é a obra grega primitiva, construida de massas enormes, mas ao surgir da terra as pedras começam a diminuir em grandeza, e accuzam a restauração romana feita por Erasto, prefeito de Justiniano, — depois da guerra dos godos.

Parte do antigo fosso está cuberto de matto. Na pequena eminencia que se ergue no meio da rocha, estava edificado o famoso templo d'Apollo.

Contemos a historia deste templo: O leitor conhece —de nome— o descendente d'Erecteu, rei d'Athenas, que se chamava Dedalo. Era um dos grandes genios, que avultavam

A carta que em seguida transcrevemos do *Portuguez* traz para a tela da discussão um facto que, envolto no silencio, seria talvez de nenhum alcance, mas que, uma vez revelado ao publico, não deixará de certo de ser assumpto para largos e contradictorios commentarios.

Trata-se ainda da desgraçada questão das exequias. Já enfada esta questão, que tem sido por muito tempo a occupação favorita d'ociosos, e o thema obrigado de declamações facciosas, e que parece não querer terminar sem deixar de si as mais deploraveis recordações.

Um parcho da capital levanta-se agora com toda a sua jurisdicção, e veda a um sacerdote que havia tomado parte nas exequias, que celebre missa na sua parochia. O sacerdote, indignado, relata o facto á imprensa, e appella para a auctoridade do sr. ministro das justicas.

Não é triste e desconsolador ver o clero agitar-se neste ambiente das paixões partidarias e mundanas do qual o seu caracter o deve systematicamente affastar? Em tudo isto que ahi vemos esta é a nossa primeira, e quasi unica consideração.

Que os homens do mundo politico se digladiem, se atassalhem, e se encham uns aos outros de baldões e apodos, feia cousa é, mas tolerada, e, por muito vista, já indifferente. Mas que aquelles a quem são essas pugnas tão alheias do caracter e missão, voluntariamente se envolvam e conspurquem nellas, a ponto de se não differencarem dos primeiros, não só é cousa torpe e mal soante, mas das mais perigosas consequencias para a religião e para a sociedade.

Quem formará pois esse nucleo, especie de campo neutro, que mantenha a ordem social, e que acolha os desenganados e os descontentes de todos os campos?

Podem dizer-nos que no caso presente, a questão era de consciencia. Sabemos que se acolhem a esse reducto. Sabemos tambem que não é facil desaposal-os delle. Mas a consciencia precisa de ser auctorizada pela razão, e não é sem balizas o campo em que ella justifica os actos externos.

O clero de Lisboa julgou excommungado o conde de Cavour. Será isento de paixão partidaria este juizo? Ninguém o dirá. Mr. Morlot, em Paris, não o julgou assim, e tudo o que se disse posteriormente acerca da pretendida retratação, não attenua a contradicção com o procedimento daquelle respeitavel ecclesiastico.

O caso, porém, agora é mais grave. A prohibição do parcho de S. Nicolau corresponde a uma censura. Os clerigos que tomaram parte nas exequias são fulminados por elle com um interdito.

Canonicamente podia fazel-o? Não. Os direitos de parcho não vão tão longe nestas circumstancias. Existia um despacho de ordinario que permittia aos ecclesiasticos celebrarem as exequias, *se a sua consciencia lho não vedasse*. O parcho não podia ser superior, em jurisdicção ao patriarcha, nem decidir onde este não quizera decidir, nem ainda ser juiz da consciencia alheia.

No entretanto o facto deu-se, e eis a carta donde elle consta.

A. P.

Sr. redactor. — Fui hoje expulso do templo de S. Nicolau, recusando-se-me a facultade de ali dizer missa, como costumava, á ordem do respectivo parcho, o sr. Silverio Antão Barata Salgueiro, sob o pretexto de eu haver sido um dos *phariseus*, segundo a *Nação*, que tomara parte nas exequias por alma de um christão, de um irmão nosso, o conde de Cavour, que morreu no gremio da igreja christã.

Acho que este facto foi uma afronta publica ao sacerdotio christão, ao governo de S. M. e ao paiz. Vou dar delle conhecimento a s. ex.^a o sr. ministro da justiça, a fim de que o governo portuguez tome as providencias, que o caso urge,

ao despontar da aurora dos primeiros seculos. Foi mechanico e estatuario; inventou o nivel, a segure, e o trado; substituiu as vellas aos remos; e finalmente foi o primeiro que formou estatuas com pernas e braços distinctos do tronco, e o primeiro que lhes poz olhos.

Por isso os antigos admirados do impulso que dera ás artes, diziam que dava vida e movimento ás estatuas. Zeloso e violento como o Miguel Angelo moderno, — o Miguel Angelo antigo precipitou no mar o seu sobrinho, discipulo, e rival Talo, que tinha inventado o compasso e a serra. Condemnado ao exilio por este crime Dedalo refugiou-se em Creta. Reinava então Minos. Ora os amores de Pasiphe são bem conhecidos. Dedalo foi o confidente d'aquelles desconcertos monstruosos. Fabricou uma vaca automato, onde s'encerrava a mais que adultera esposa. Era a vaca tão habilmente construida que allucinava o terrivel amante, e servia d'intermedio ás blandicias do alvo touro. Destas relações nefandas resultou o minotauro.

Foi pois mister occultar o monstro aos olhos de todos. Então Dedalo inventou o labyrintho e delle tomou o nome; porem Minos quiz punil-o por a parte de que s'encerrára nos amores da rainha. Tratava-se de nada menos que da vida. Dedalo não esperava escapar da vingança do rei, em quanto residisse na ilha; por tanto fabricou umas asas para si, e outras para seu filho, feitas de pennas embutidas umas nas outras com alveolos de cera, e estas se fixavam ás espaldas por meio d'uma armação de ferro com mólãs, que s'encalhava no tronco dos aventureiros viajantes.

Dedalo tendo recommendado a Icaro que

de modo que seja desafrentado o sacerdotio, a propria religião, e o estado.

Rogo-lhe, sr. redactor, o obsequio de dar publicidade a esta provocação formal, e que faça sobre ella as observações que julgar a proposito; e sou, com a devida consideração e respeito.

De v. etc.

João Antonio Martins Coutinho,
Capellão do 5 de caçadores.
Lisboa, 7 de novembro de 1861

O GOVERNO MUNICIPAL

O governo municipal tem, sem d'úvida, uma importancia tão grande, como o primeiro governo presumivel dos homens, depois do da familia, aquelle que rege e dirige as sociedades, que outrora seriam isoladas cada uma, e hoje muitas agrupando-se formam essa sociedade grande, que se chama nação.

A sociedade municipal, esse aggregado de cidadãos, que formam sós uma sociedade particular, a que se dá o nome de concelho, é a primeira das sociedades civis na ordem publica, ella modelou outras sociedades, modelou mesmo as nações.

A auctoridade pois, que é posta á testa d'esta sociedade, essa corporação, a que se dá o nome de camara municipal, tem uma missão tão ardua e importante, como difficil, e quasi ignorada actualmente entre nós, e mesmo desconsiderada pela legislação moderna.

O codigo administrativo talhando-lhe attribuições, que como que circumscrevem a sua importancia, coarctaria mesmo as suas funções, se pelas nossas leis antigas não tivessem ellas todo o desenvolvimento, que o seu fim demanda.

Quem quizer saber a importancia da auctoridade municipal leia a Ord. liv. 1.^o tit. 66 pr., e ahi achará que — aos vereadores pertence ter carregos... e de tudo o que podem saber e entender, porque a terra, e os moradores d'ella possam bem viver. — Nestas palavras está marcada a amplitude das attribuições camaras, e o seu fim; e acrescenta a lei — e n'isto hão de trabalhar —.

A camara municipal de cada concelho deve ter um pensamento de governo, e procurar desenvolver o bem estar da terra e dos moradores della, procurando-lhe desta fórma o bem viver.

O elemento pois da prosperidade das terras e dos moradores dellas deve existir nas camaras municipaes, ellas obrando conforme com o fim da sua instituição e da lei, devem procurar o desenvolver o germen, e augmentar a prosperidade do concelho, providenciando, no que estiver na esphera do seu poder, e no que exceder, reclamando providencias.

É do dever, portanto, dos vereadores penetrarem-se do pensamento do governo municipal, do seu fim, e todos os seus actos dirigil-os ao mesmo; ao augmento da prosperidade do concelho, desenvolvendo as fontes da riqueza, e prosperidade delle.

Se assim tivera sido, se as camaras municipaes attendessem ao seu fim, Portugal mais teria prosperado; porque Portugal é a união politica dessas parcellidades, que se chamam concelho, e se estas prosperassem, floresceria a nação.

Não se pense, que para que as camaras satisficam o seu dever é bastante administrar sómente os bens communs do concelho, que d'isso só depende o bem estar dos moradores da terra; é necessario proporcionar-lhes os meios, dirigil-os para que segundo os recursos, que o concelho ministra, melhorarem a sua sorte; incitar, dirigir a actividade dos moradores da terra, para que os aproveitem; dirigil-os para as necessarias occupações, para que se retirem do vicio, do crime.

E terá a camara municipal do concelho de Sevêr do Vouga obrado neste sentido?

Somos obrigados a occupar-nos desta corporação; porque nos interessa, porque é da nossa terra, e por infelicidade nossa não podemos defini-la senão da seguinte fórma: —

não s'aproximasse muito do sol, desprende o vôo em sua companhia do alto do monte Ida.

E' bem conhecido o resultado da tentativa. O imprudente rapaz esqueceu-se das instrucções paternas, e aproximou-se do sol; o calor derreteu a cera, e qual outro Phaetonte, caiu precipitado no mar Icaro, e desapareceu, deixando-lhe ficar o nome.

Dedalo foi voando até Cumas, ali poisou no mais alto da fortaleza, e fez voto d'edificar um templo a Apollo para lhe consagrar as asas.

Dedalo cumpriu o seu voto.

A architectura do templo era da ordem dorica primitiva, tanto quanto podemos julgar por o unico capitel, conservado até ao nosso tempo. Exceptuando os fundamentos, que são feitos de pedras massiças, tudo o mais é devido á restauração romana; e como estava erguido na parte mais elevada da cidadella, devia avistar-se de grande distancia, e apresentar uma esplendida perspectiva.

Nas portas do templo Dedalo insculpirá a morte d'Androgeo, filho de Minos, assassinado por ordem d'Eson na estrada de Thebas; os selvagens amores de Pasiphae, e as secretas sinuosidades do labyrintho.

O desgraçado pai tambem ali quiz insculpir a morte d'Icaro, diz Virgilio.

*Bis conatus erat casus effingere in auro,
Bis patria cecidere manus.*

Duas vezes tentou gravar no ouro o funesto acontecimento... duas vezes caíram as mãos paternas quebrantadas pela dor.

Haviam trez subterraneos sobrepostos uns aos outros que se cruzavam em diferentes direc-

A camara municipal do concelho de Sevêr do Vouga nos ultimos cinco annos tem sido a negação de todo o bem, e a causa de muitos males para este maldado concelho.

E ella presidida por um cunhado do administrador, e compõem-na mais outro cunhado, que é tambem o administrador substituto; a sua eleição tem-se feito, e ainda se ha de fazer para o seguinte biennio (que a Providencia quer que este povo soffra ainda por mais dois annos) sendo os eleitores avisados pelos cabos de policia, e conduzidos a votar pelos regedores, que d'ordem do administrador distribuem as listas; vê-se por consequente, que a eleição não é do povo, mas do administrador.

Mas, administrador de Sevêr, dizei-nos, digam-nos os vossos cunhados, que compõem a camara, que bem tem esta feita e procurado nos cinco annos da sua gerencia? nós não vemos algum, e é tal a inopia governativa da camara, que nem sessões faz, senão rarissimas vezes, e ainda assim, quando alguma faz, é fóra d'horas, pela tarde, quando menos possa ser observada: temos ido ao tribunal quasi todos os dias, que a camara devia fazer sessões; não temos saído menos do meio dia, e ha mais de meio anno não vimos a camara reunida em sessão, e nunca nestes cinco annos ouvimos o porteiro declarar, que a sessão da camara estava aberta.

Fazeis isto talvez, porque conheceis a vossa insufficiencia, a vossa incapacidade para qualquer acto bom, envergonhaes-vos por isso de fazer uma sessão publica.

Que bem tendes feito ao concelho? Respondei-nos: — Sim, respondemos, direis vós; destruímos o regulamento dos caminhos, e fizemos, com que estes se pozessem em estado de só poderem ser transitados por bichos do vosso appellido.

É verdade o regulamento dos caminhos, que vós não eréis capazes de fazer, de conceber mesmo, a melhor obra, que ao concelho legou a camara, que vos precedeu, destruiu-se, e com effeito os nossos caminhos estão intransitaveis.

Mas que! se para vós, presidente da camara, assignardes uma representação em favor de uma estrada, que tanto pode interessar ao concelho — a de Aveiro a Vizeu — foram necessarios pedidos, e grandes supplicas!! Se outra hora, quando para a execução desse regulamento, que destruísteis se talha pelo vosso logar um caminho municipal, vós não o quereis por lá, e estívesteis para vos lançardes a Manuel Carvalho do Espinho, só porque affirmava, que por ali era melhor!!!

Que excellente presidente de camara não é o homem, que nestas eras não quer estradas, não quer mesmo no lugar da sua residencia um bom caminho vicinal!!! Está pois justificado o estado dos nossos caminhos.

Esquecia-nos, perdoai; tendes feito muito bem ao concelho, tendes feito muita cousa, é verdade, — julgasteis os vossos filhos incapazes do serviço militar; ah! não foi só os vossos filhos, os filhos dos vossos caseiros e amigos, os vossos criados foram julgados incapazes do serviço militar; e quando agora lhes não podesteis chamar incapazes, chamasteis-lhes arrimo de seus paes; e este chamar, com algumas vitellas, e parece tambem que com alguns bois, que se offereceram a algum, produziu o resultado, e Sevêr ficou livre do recrutamento!

A fortuna da terra!! Abençoadas auctoridades, que tanto tendes feito em prol do concelho!!!

Ah! mas que grito se ouviu? Quem grita? Quem chora? Sou eu, sou eu, diz uma voz, é uma desgraçada viuva, que, por que se escusou o filho do administrador, lá foi o seu! Sou eu, diz um infeliz lavrador, cujo filho foi pagar pelo do presidente da camara! Sou eu, sou eu, clama um pobre artista, que, porque se escusou o criado do administrador, tive de pagar pelo meu filho! Santo Deus!! Pois pagam outros por escusos? pagam, respondem todos.

Mas outros gritos ainda se ouvem!!? Quem

gões sob a *acropole*. Estes subterraneos tinham comunicação com a rocha, e ainda hoje ali se divisam escadas secretas, que não eram cem, como diz Virgilio, nem donde s'entrava ou sahia por cem portas. Numerosos corredores lateraes desembocavam nas grandes galerias subterraneas, e serviam para dar claridade, e fazer sortidas.

Foi ali que estiveram o templo, os oraculos, a tripode, os vasos sagrados, e o tumulo da sibylla.

A sua gruta era sem duvida aquella excavação tortuosa, onde as rochas despedagadas por effeitos volcanicos se mostram em tão pittoresca confusão.

Na opinião de Solino e Auzonio existiram trez sibyllas: a de Sardes, de Cumas, e a Erythrea; segundo Eliano houveram quatro: a Erythrea, a de Sardes, a de Cumas, e a de Samos; finalmente existiram doze, segundo Varrão.

Voltêmos á nossa, pondo de parte as nove rivaes.

Deiphobe, filha de Glauco, o deus-peixe, era sacerdotiza d'Apollo, que a requestou como a Cassandra. Moço, bello, e tão poderoso — Apollo nem por isso era muito feliz nas suas paixões. Como Cassandra — Deiphobe lhe impoz condições; não era o dom da prophécia que desejava obter, por que era sibylla de nascimento; porem aspirava a uma existencia que se aproximasse da immortalidade. Mostrando-lhe um punhado d'area, exigiu viver tantos annos quantos eram os grãos d'area, que tinha na mão. Apollo lhe concedeu o que pedira; ella depois de ter a certeza de viver mil annos, escarneceu do credulo deus, como Cassandra, mas — como a Cassandra o deus a

é? Sou eu, diz outra voz, sou eu a quem comeram a quantia de... e sempre tive de pagar por meu filho!

Ainda mais alguém grita? Grita, grita, somos nós todos os paes dos mancebos, que tem de entrar nestes recrutamentos, que tem nossos filhos de pagar, porque se não completaram os contingentes dos annos anteriores, porque se escusou, quem devia ser soldado.

São por consequente os vossos serviços, ó homens da governança de Sevêr, são os vossos serviços, presidente da camara, sómente o fazdes ir o filho d'um pelo d'outro, quem não deve pelo que deve, o do lavrador pelo vosso.

Se do remorso fosseis capazes, que grande restituição não tinheis a fazer! Essa importancia balofa, que vos quereis attribuir, não é nada; porque é a importancia, que dá o crime.

Sim, sois criminosos, peccasteis contra a lei, já deveis ter experimentado a sua sanção; e alem d'isso sois responsaveis pelo mal, que resultou a essas familias, cujos filhos vão pelos vossos, pelos que vós escusasteis.

E estarão elles já escusos? as peitas, os presentes deram-se e receberam-se, e vós tornasteis-vos ufanos por vos ser dado o transgredir a lei sem castigo, mas olhae que este ainda vos está pendente, qual a espada de Damocles; que os mancebos que ultimamente desteis por escusos, estão ainda sujeitos; o exemplo tende-lo bem fresco no filho do Cactano da Silva de Cabanes, que livre por vós, foi ultimamente preso, e terá de pagar.

Ahi estão as obras municipaes do concelho de Sevêr, mas ainda não são ellas só, o definimento da actividade dos cidadãos do concelho, o tolher que se faça e augmente o que podia; a destruição, o incendio mesmo poder-se-hão diser o apanagio dos homens da governança de Sever!

Mas projectamos uma ponte para o rio do Couto, já está votada, já se venderam, ou estão vendendo para isso os pinheiros da serra da Ermida, replicareis vós.

Tendes razão, projectasteis uma obra, que de projecto duvidamos, que passe; com esse projecto talvez vos queirais inculcar á reeleição, mas não era isso necessario, que haveis de ser reeleitos, porque assim o quereis e cunhados, e á vossa vontade nada resiste.

Mas se essa obra tinheis tenção de fazer, porque a quereis fazer na maior parte por meio de finta, de derrama? porque haveis de vexar o povo, que não pode pagar mais? pois não sabeis, que para coadjavar as municipalidades votaram as cortes duzentos contos de reis? não sabeis vós, que este concelho tem igual direito de se assentar em volta dessa quantia, pedir para si uma parte? não sabeis, porque não se vos faz injuria em vos chamar ignorantes; que não sois capazes de bem algum: este nosso concelho, que d'ahi podia receber alguns contos de mil reis, pela vossa incapacidade ficará sem nada, e o povo, que se podia aliviar, gemerá sôb o peso das contribuições municipaes.

E que não sois capazes do bem, teriamos a pedir, que vos retirasseis, mas que importaria o nosso pedido? nada, que quereis as honras, ou antes inchar-vos com o nome de presidente; mas embora, intitulai-vos assim, ficae com o titulo de presidente, como ficasteis com o d'alferes.

Pois bem, não vos retirais, mas sabeis, que confiamos, que haveis de sahir submettidos a um processo, porque expieis vossos crimes.

Por que estas verdades vos dizemos, e as mais, que temos a dizer, nada nos amedronta, nem o ferro nem o fogo, de que tem sido victimas nossos bens, nem o de que nos achamos ameaçado; incapazes sois vós de virdes ante campo gladiar comnosco; o do sicario, do malfeitor ser-vos-ha mais proprio; mas por nós, temos fé, hade velar Deus e a lei.

Agostinho de Figueiredo Lobo.

castigou. Deiphobe se esquecera de pedir mocidade constante para acompanhar tão longos annos. Como nas outras mulheres — aos trinta desapareceu a mocidade, aos quarenta eclipsou-se a formosura, e a contar do primeiro seculo da sua existencia foi emmagrecendo com tão regular progresso, que em breve se tornou apenas uma voz, um som, um echo.

Não obstante a legenda dizia: esta voz ha de sobreviver-lhe, e nunca se extinguirá.

Reduzida a este estado d'embaciação a encontrou Eneas quando apportou á Italia, e quando ella o guiou na sua descida aos infernos. Tinha n'esse tempo sete centos annos, e sobejavam-lhe ainda tresentos. Esta sibylla é a mesma que foi offerecer a Tarquinio Soberbo os nove livros fatidicos, e como elle regateasse no preço, queimou trez primeiramente, depois mais trez, e a final vendeu-lhe, como venderia hoje a um bibliomano moderno, os trez ultimos livros por o preço que exigira por todos.

Não obstante a compra dos livros fatidicos, todavia Tarquinio expulso de Roma foi morrer a Cumas na idade de noventa annos, depois de pelear ou mandar pelear dez annos com o povo romano.

A pobre sibylla cumpriu os seus mil annos, como Apollo vaticinára, e desde o tempo de Petronio só d'ella restava uma voz encerrada n'um vaso de barro. As creanças costumavam chegar-se áquelle vaso, e perguntar:

Que queres, sibylla?

E ella respondia: quero morrer.

(Continua.)

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

«Havendo S. A., o serenissimo sr. infante D. Fernando, fallecido hoje, pelas cinco horas da manhã, neste real paço das Necessidades, e tendo S. M. el-rei resolvido, em signal de sentimento por tão dolorosa perda, encerrar-se por oito dias, que hão de terminar no dia 13 deste mez, e tomar luto por tempo de quatro mezes, contados de hoje, sendo dois mezes, de luto pesado, e dois aliaviado, ha por bem ordenar:

Que os seus criados e a côrte tomem o mesmo luto;

Que por espaço de tres dias successivos incluindo o de hoje, os quaes nas provincias e ilhas adjacentes serão contados do dia em que ali se receber esta infausta noticia, se suspenda o despacho em todos os tribunaes e repartições publicas, exceptuando as casas fiscaes, que só estarão cerradas em Lisboa no dia do funeral;

Que nos theatros e fóra delles se não permitam espectaculos publicos durante os mesmos tres dias;

Que sejam convidadas todas as corporações e funcionarios que o costumam ser, residentes em Lisboa, para assistirem ás ceremonias do enterro de S. A., que ha de ter lugar no dia 8 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, na conformidade do programma datado de hoje; devendo os concorrentes ir de uniforme ou com os trajes correspondentes aos seus respectivos empregos e de luto pesado.

O que assim se participa, pela secretaria de estado dos negocios do reino, ao governador civil do districto de Lisboa para seu conhecimento e execução na parte que lhe toca.

Paço das Necessidades, em 6 de novembro de 1861. — *Marquez de Loulé.*

Na mesma conformidade e data se expediram portarias a todos os governadores civis, repartições e demais auctoridades da immediata dependencia do ministerio do reino.

S. M. el-rei ha por bem ordenar que nos officios funebres de enterramento de S. A. o serenissimo sr. infante D. Fernando, seu muito amado e presado irmão, que Deus foi servido chamar á sua santa gloria, se observe o ceremonial constante do seguinte.

PROGRAMMA

1.º

O real cadaver do sr. infante, depois de encerrado em um caixão ou ataúde, ha de ser conduzido do seu aposento a uma sala do paço, devidamente decorada, e ali collocado em uma eça pelos officios môres da casa real, mediante a coadjuvação dos reposteiros para isso necessarios.

As chaves do caixão ou ataúde, serão entregues ao duque mordomo mór.

2.º

Em quanto o ataúde se conserva na sala, ou camara ardente, será velado pelos officios môres da casa real, tomando lugar uns e outros á direita e esquerda na fórma do estylo.

3.º

O enterramento do augusto cadaver terá lugar sexta-feira, 8 do corrente mez de novembro, na real igreja de S. Vicente de Fóra sahindo o acompanhamento do paço das Necessidades pelas dez horas da manhã desse dia.

Depois da chegada do prestito áquelle templo, ha de ali celebrar-se uma missa de pontifical com as ceremonias e orações prescriptas pela igreja.

4.º

O prestito ha de ser precedido de uma força de cavallaria e seis porteiros da canna, vestidos de capa e volta.

Após estes tomarão lugar as carruagens de pessoas particulares — as carruagens da camara municipal e mais corporações — as dos tribunaes e pessoas condecoradas com o titulo do conselho — a carruagem do governador civil e as carruagens da côrte; devendo as dos conselheiros de estado e ministros de estado ir no lugar mais proximo aos coches reaes, e guardando-se a ordem e precedencias devidas a cada uma destas categorias.

5.º

Em seguida irão os coches da casa real, conduzindo o porteiro da real camara e moços da guarda roupa, os officios môres da casa real, o official da casa encarregado de acompanhar a corôa real, e as pessoas ecclesiasticas que forem designadas para acompanharem o augusto cadaver.

6.º

Seguir-se-ha o coche de respeito, e após este o coche com o ataúde do principe finado, sendo ambos armados em camarim com panno e cortinas de veludo preto agaloçadas de ouro.

Aos lados deste coche irão seis moços da real camara com tochas accesas entre duas alas de moços da estribeira e archeiros da guarda real, caminhando uns e outros a pé e descobertos.

Atraz do ultimo coche irá a guarda real dos archeiros. O seu commandante tomará lugar a cavallo junto á roda direita do mesmo coche, seguindo-se os officios generaes de mar e terra com o respectivo estado maior, fechando o prestito um corpo de cavallaria.

A força de infantaria, postada em alas pelas ruas do transitto, tomará a fórma conveniente atraz do prestito para o acompanhar até ao templo de S. Vicente de Fóra, e dar opportunamente as descargas do costume.

7.º

O estribeiro-mór, coadjuvado pelos empregados de sua dependencia, e bem assim pelos archeiros da guarda real e soldados da guarda municipal, mandará prover á conveniente collocação dos coches da casa real e á distribuição delles com

respeito ás pessoas que os devem occupar, dando as mais providencias necessarias para a boa direcção e ordem do prestito.

8.º

As carroagens particulares, para se encorporem no prestito, descerão pela rua da Boa Morte e calçada das Necessidades á praça de Alcantara, onde entrarão no logar competente.

O prestito, no seu itinerario, seguirá do paço das Necessidades á travessa do Sacramento, Pampulha, Janellas Verdes, calçada do Marquez de Abrantes, Boa Vista, S. Paulo, Corpo Santo, Arsenal, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Jardim do Tabaco, Fundação, Paraiço, Campo de Santa Clara, Arco grande de S. Vicente de Fóra.

9.º

Em chegando o prestito a S. Vicente de Fóra será o ataúde collocado pelos competentes dignitarios sobre um pouso no adro da igreja, e dali conduzido em um esquife pela irmandade da santa casa da misericordia de Lisboa até á primeira eça no meio do templo, onde a collegiada da mesma santa casa ha de cantar os devidos responsorios; sendo em seguida levado o ataúde pelos referidos dignitarios á segunda eça, que estará levantada no centro da quadratura patriarchal.

10.º

No templo, ornado com a devida pompa, haverá tribunas para o corpó diplomatico e para os pares e deputados que se acharem em Lisboa, e haverá cadeiras para a côrte, tribunaes e dignitarios, e bem assim para a camara municipal, corporações e mais pessoas que concorrerem ao enterro.

Dentro do templo o porteiro-mór entenderá na direcção do ceremonial da côrte, devendo prover á regularidade deste serviço.

11.º

Logo que o ataúde esteja collocado na segunda eça, o em.^{mo} cardeal patriarcha, tendo assistido com o cabido da sé patriarchal á recepção do real cadaver, mandará resar as orações proprias da occasião, seguindo-se a missa pontifical.

12.º

Acabados os actos religiosos, será o augusto cadaver depositado no real jazigo; devendo os dignitarios, que ali o conduzirem, servirem de testemunhas; e, nessa qualidade, assignar conjunctamente com todas as outras os dois termos de entrega do ataúde e de uma das suas chaves ao em.^{mo} cardeal patriarcha.

13.º

A entrega ha de ser feita pelo mordomo-mór, prestando juramento de se acharem encerrados no ataúde os restos mortaes de S. A. o serenissimo senhor infante D. Fernando, e de terem sido por elle vistos e reconhecidos antes do seu encerramento, havendo posteriormente a esse acto acompanhado sempre o mesmo ataúde fechado com as chaves de que é portador.

A segunda chave e um dos termos da entrega devem ser depositados no real archivo da torre do tomo. O outro termo guardar-se-ha no ministerio do reino.

14.º

Todas as pessoas que concorrerem aos actos funebres irão vestidas com os seus uniformes de luto pesado.

Paço das Necessidades, em 6 de novembro de 1861. — *Marquez de Loulé.*

(Supplemento ao Diario de Lisboa n.º 252)

NOTICIARIO

Luto. — Tem continuado a dobrar os sinos, em consequencia do fallecimento do sr. infante. Pelo mesmo motivo tem estado fechadas estas dias as repartições publicas, que não são consideradas fiscaes.

O sr. infante D. Fernando fóra o penultimo filho da senhora D. Maria II, e falleceu no mesmo dia em que falleceu ha 195 annos o chefe da casa de Bragança, o sr. D. João IV.

Exportação de laranja. — Começou a exportação deste importante producto, pela barra desta cidade. Sahiu já o *Aveirense* e carregado pelos srs. Viuva Barbosa & Filhos, constando que os srs. Pereira & Filho vão apromptar um carregamento para o *Aurora*.

A produção affirmam-nos que este anno é abundante. Resta que as ventanias não abatem das arvores o fructo, antes de sazonado, como tem feito estes ultimos annos.

A exportação de laranja, que já ultimamente se tem desinvolvido bastante entre nós, podia tomar as maiores proporções se os lavradores das circumvisinhanças não fossem tão descuidados na plantação de pomares.

O terreno é optimo para a produção do fructo, e a colheita d'elle não só era util para o productor mas tambem para o commercio do porto. Entre nós, porem, tudo é rotina.

Clamor Publico. — Recebemos um folheto contendo a defessa que o editor do jornal que com este titulo se publicou no Porto, apresentou no tribunal do 2.º districto criminal, por occasião da querrela dada contra o mesmo, na sessão de 5 de junho deste anno.

O objecto da querrela era um artigo contra a relação, publicado em 1857. O querrelante foi o ministerio publico.

O nosso amigo Faria Regras, editor do jornal, chamado aos tribunaes, dispensou advogado, e apresentou elle mesmo a sua defezza, que é a que contem o folheto que nos foi enviado.

A defezza é mais violenta do que o artigo querrellado, e basea-se de tal sorte em factos, que apesar d'alguns delles serem de epochas passadas, não sabemos, como possa haver, e manter-se

no paiz um tribunal, sobre quem pesem taes e tão vehementes accusações.

E' possivel que os litigantes tenham fé em um tribunal, do qual se disem, com provas á vista, as maiores infamias?

Não é possivel.

O sr. Faria Regras foi realmente muito feliz na sua defezza que por mais de um motivo merece lêr-se.

O jury absolveu-o *por unanimidade!*

S. Martinho. — Está chegado o santo padroeiro das folias e comensinas: Os amigos de comer bem, e beber melhor, tem hoje grande brodio em honra do santo, e haverá ate por ali quem se torne tão alegre, que afinal fique debaixo da mesa... a dormir.

Grande varão era S. Martinho, dirão aqueles que hoje celebram a sua festa de copo em punho! Amigo das patuscadas até ali!

Pois não! Grande varão, e grande santo, sim, senhor; mas amigo das patuscadas, isso não, e não ha talvez no calendario santo que levasse vida tão rigorosa no meio da corrupção geral dos costumes do seu tempo.

Como é, porem, que em lugar do Baccho pagão, o venerando arcebispo de Tours ficou sendo advogado das pandigas, e funçanatas? Isso não o sabemos nós, nem o sabem tão pouco os allemães, onde igualmente ha do santo tão fresca memoria.

Ora veja-se o que a este respeito, escreveu ha dias um jornal religioso de Lisboa, a *Fé Catholica*, e que vem a proposito por ser exactamente hoje o dia em que a igreja, e os beberões celebram cada qual, por seu modo differente o Santo Arcebispo.

«Os christãos de todos os paizes veneram em S. Martinho o varão virtuoso e sabio, que no meio da corrupção romana soube conservar a pureza evangelica. Só os portuguezes e os allemães fizeram delle o patrono das patuscadas e das orgias.

E singular esta maneira de venerar S. Martinho. As chronicas allemães da idade media attribuem este culto ao facto muito conhecido da vida do Sancto, o qual não tendo em certa occasião que dar a um pobre, puchou da espada e cortando com ella parte do manto a deu ao indigente. Deduziu-se d'aqui que aquelle que tão pouco se importava comsigo era amigo de levar a vida regalada.

Na Allemanha ainda mais do que em Portugal, é S. Martinho objecto de um culto tão singular. Ha confrarias, cujos membros conhecidos pelo nome de — Irmãos de S. Martinho — (Kartino Bonderi) se reuñem para cantar, comer e beber em honra do Sancto. Nestes dias repartem inconsideradamente o facto, isto é, dão ao primeiro que lhes apparece. Em quasi todas as aldeas da Allemanha catholica, cada familia celebra a festa do Sancto com um banquete, durante o qual a porta está franca para quem quer entrar.

S. Martinho foi bispo de Tours; morreu, como elle mesmo predissera, a 11 de novembro de 402, na idade de 82 annos, no convento de Mar-montier. Os francezes para subtrairem os seus restos ás profanações dos normandos, que assolavam o paiz, esconderam-os em Auser. Quando depois os transportaram a Tours, a terra estava coberta de neve, pois succedeu isto nos primeiros dias de novembro. Mas apenas o corpo do Sancto chegou ao territorio da sua antiga diocese, tudo se tornou verde e as arvores começaram a florescer. E em memoria deste phenomeno que ainda hoje se chama «verão de S. Martinho» aos bellos dias que gozamos nesta epocha do anno.»

Errata. — No artigo principal do numero antecedente col. 1.ª onde se lê: *argumento do dilema*; lêa-se *argumento dilema*.

Recepção do bispo d'Angola em Loanda. — Eis como a descreve o proprio bispo em um officio que acaba de dirigir ao sr. ministro da marinha:

«Tive a honra de escrever a v. ex.ª dos portos de S. Thiago de Cabo-Verde e de S. Thomé, e tendo chegado no dia 3 a esta cidade de Loanda, é do meu dever dar conta a v. ex.ª do modo por que aqui fui recebido.

A penas ancorou o vapor *D. Antonia*, que me conduziu, officiei ao sr. secretario geral servindo de governador, e fiz as mais participações do estylo. Logo que constou officialmente a minha chegada salvaram as fortalezas, e o repique dos sinos de todas as igrejas annunciou ao povo da cidade que já tinha perto de si o seu bispo.

O digno secretario geral mandou logo cumprimentar-me por um dos ajudantes de ordens, e successivamente foram a bordo dar-me as boas vindas o reverendo cabido, varios funcionarios, ex.^{mos} presidente e juizes da Relação, os srs. commandantes das fortalezas e outros militares, diversos cavalheiros, ministro da ordem terceira, juiz da irmandade do Santissimo, professor da escola principal e seu ajudante, etc.

O ex.^{mo} governador geral tinha dado as ordens convenientes para o caso provavel da minha chegada, e posso asseverar a v. ex.ª que tudo correu perfeitamente.

O dia de hontem foi o destinado para o meu desembarque, e ás tres horas e meia da tarde chegou a bordo o escaler da alfandega com as pessoas destinadas para me acompanharem. Quando saí do vapor salvaram novamente as fortalezas, e o meu escaler era seguido por dois que conduziam os ecclesiasticos e ordinandos. O povo affluia de todos os lados á praia, e junto ao caes estava o sr. secretario geral, varios officios militares, muitos funcionarios, o cabido, clero, irmandades, cavalheiros, a guarda com excellente musica, o esquadrão de cavallaria e numeroso concurso.

Não posso exprimir bem a v. ex.ª a agradável impressão que produziu em todos o meu desembarque quando me vim rodeado dos ecclesiasticos e ordinandos vindos do reino, e cuja vida se deve na maxima parte ao zelo de v. ex.ª Os ordinandos, regidos pelo novo sub chantre, cantavam com suave harmonia hymnos de regosijo e acção de graças; a musica tocava algumas pegas; e no rosto de todos via-se pintada a alegria e satisfação. O cortejo encaminhou-se com muita ordem para a sé, e ao entrar na igreja fui recebido na fórma do ritual; cantado o *Te Deum* dei solemnemente ao numeroso concurso que enchia o templo a benção episcopal.

Tendo-me sentado na cadeira episcopal veio o cabido e clero prestar obediencia, como é costume; e seguidamente o digno secretario geral e mais auctoridades, officios militares, juizes das irmandades, e muitos cavalheiros distinctos quizeram tambem obsequiar-me com os seus cumprimentos e parabens.

Quando me dispunha a sair da igreja disse-me que a multidão ali reunida queria tambem saudar-me de perto; e por isso parei no meio do templo, e todos quantos poderam approximar-se de mim satisfizeram o seu religioso desejo. Finda a cerimonia o sr. secretario geral conduziu-me em carrinho descoberto a esta residencia episcopal, que achei reparada com v. ex.ª havia disposto.

Posso assegurar a v. ex.ª que a minha visita a S. Thiago de Cabo-Verde e a S. Thomé, e a minha entrada solemne em Loanda foi um triumpho para a religião e uma prova evidente do amor que estes povos lhe consagram, assim como é tambem um motivo de gloria para o governo de sua magestade, que me habilitou com os meios necessarios para apparecer n'estas longinquas regiões, cercado de tanto prestigio.

Deus guarde a v. ex.ª Loanda, 5 de setembro de 1861. — Illm.º e ex.^{mo} sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. M., bispo de Angola.

A revolução de Evora em 1637.

— Do *Conimbricense*:

«Dissemos em o numero passado, que o primeiro acto do drama — *Oppressão e liberdade*, que se ha-de representar n'esta cidade de Coimbra, no dia 1 de dezembro proximo, em o novo theatro de S. Christovão, tomava por assumpto a mallograda revolução d'Evora em 1637. Hoje diremos duas palavras acerca d'este acontecimento.

Não cessava o governo de Madrid de exigir novos tributos a Portugal. No anno de 1637 vierão ordens a todos os corregedores de comarca, para que obrigassem os povos a pagar todos os annos a el-rei de Castella 500:000 cruzados, além das imposições antigas.

O corregedor d'Evora, André de Moraes Sarmiento, como fiel instrumento dos Castelhanos, determinou que se lançasse o tributo, sem admitir replica, castigando asperamente os que duvidavam obedecer.

Os habitantes irritados, tendo á sua frente o juiz do povo Sizenando Rodrigues, e o seu escrivão João Barradas, revoltaram-se e invadiram a casa do corregedor, a qual incendiaram, podendo elle escapar-se para o convento de S. Francisco, e d'ali para Lisboa. Da mesma fórma foram invadidas e damnificadas outras cazas de pessoas affectas ao governo de Castella, custando muito a livrar as cazas do arcebispo D. João Coutinho, sendo só as janellas quebradas.

O povo organizou uma especie de junta, que se correspondia com as outras terras do Alentejo, e as suas ordens eram assignadas com o nome de *Manoelinho*, um doudo celebre naquella cidade, persuadindo-se que assim evitavam a responsabilidade dos seus actos, no caso de que suas pretensões não proseguissem.

A duquesa de Mantua, regente de Portugal, fez todas as diligencias para accommodar o tumulto; e o conde duque de Olivares, despotico ministro de Philippe IV, fez aproximar da fronteira de Portugal um exercito hespanhol, commandado pelo duque de Bejar, a fim de conseguir que entrassem na obediencia os povos amotinados.

Alem d'isso veio de Madrid para Evora, commissionado pelo governo de Castella, o conde de Linhares, para ver se pelas suas diligencias se obtinha a pacificação. Aquelle governo exigia que de cada lugar onde tinha havido alvortos fossem apresentar-se na corte de Madrid os dons magistrados populares, juiz e procurador, os quaes logo que estivessem juntos, se vestiriam de sacco, e com cordas ao pescoco entrariam em publica audiencia, a pedir a el-rei perdão pelos seus povos; e que el-rei os estaria esperando em throno levantado, assistido dos embaixadores, e de toda a nobreza da corte. Em quanto a Evora vinham nomeados para irem a Madrid, os já mencionados Sizenando e Barradas.

O povo indignado não quiz annuir a esta infame proposta, e o conde de Linhares ausentou-se sem nada obter.

Comtudo a duquesa de Mantua mandou a Evora o corregedor da corte Diogo Fernandes Salema, acompanhado de muitos ministros de justiça. Não só pelo terror de estarem proximas as tropas hespanholas, mas por algumas divisões que tinham apparecido entre os populares, pôde este corregedor exercer alli todas as vinganças, e satisfazer o odio de Castella contra Portugal.

Muitos do povo foram enforcados, e outros lançados a galés. Sizenando e Barradas, que tinham podido evadir-se, foram enforcados em estatua, offerecendo-se grandes premios a quem os descobrisse.

Para o Algarve tinha ido Pedro Vieira da Silva, desembargador dos agravos da caza da

Supplicação, o qual com a ajuda de 6:000 soldados de infantaria hespanhola, que naquella provincia haviam entrado, commandados por D. Francisco de Andia e Fraçaval, praticou alli terribes castigos contra os desgraçados algarvios, que tambem tinham seguido o patriótico exemplo dos habitantes de Evora, sendo muitos enforcados e outros desterrados.

Passados porém tres annos, no felicissimo dia 1.º de dezembro de 1640, puderam os portuguezes sacudir um jugo tão tyrannico, e libertar-se das garras castelhanas.

Esmola regia. — A conhecida beneficencia de S. M. El-Rei o senhor D. Pedro V teve mais uma occasião de suavisar os infortunios com que a sorte escassa e avara opprime alguns dos seus subditos.

Ao retirar-se de Portalegre, que sempre se recordará com saudade dos faustos dias 6, 7 e 8 do proximo passado mez de outubro, S. M. mandou entregar ao sr. secretario geral deste districto a quantia de rs. 270\$000, com a seguinte applicação: = para a misericordia de Castello de Vide 50\$000 rs., para pobres recolhidos da mesma villa 50\$000 rs., para a misericordia de Portalegre 50\$000 rs., para pobres daquella cidade 100\$000 rs., e para as recolhidas do hospicio de S. Braz 20\$000 rs.

Estas esmolos acham-se distribuidas, segundo as soberanas determinações, tendo-o sido em Portalegre pelo proprio sr. secretario geral, logo depois do seu regresso de Lisboa, até onde teve a honra de acompanhar S. M. e com assistencia dos parochos e regedores das duas respectivas freguezias, Sé e S. Lourenço, nas quaes foi contemplado com o obolo da caridade de nosso phylantropico Soberano o maior numero possivel de pessoas desfavorecidas da fortuna, que bendizem todas a régia mão caridosa, e fazem votos pela preciosa vida e conservação no throno de Portugal, do senhor D. Pedro V.

Será verdade? — Debaixo desta epigrapha diz o *Commercio de Coimbra* o seguinte:

Le-se na *Presse*:

«Quando mr. Sagutti, presidente da sacra consulta, apresentou a sentença ao papa Pio IX, dirigiu-lhe as palavras seguintes:

«Sanctissimo padre, eis-aqui a sentença de morte contra Locatelli. Creio desempenhar um dever de consciencia observando que o crime foi commettido de noite no meio da multidão, que as testemunhas poderiam ter-se enganado ou terem visto mal; e que por conseguinte seria este um caso de praticar a clemencia, que poderia livrar-vos do perigo de commetter uma grande injustiça.»

«A unica resposta do papa foi ordenar que levantassem o cadafalso!»

O enxoframento das vinhas. — Diz a *Nação*: Os nossos proprietarios viniculas já este anno sentiram, mais que nunca, o bom resultado do enxoframento, e por isso se vão desenganando. Em Hespanha foi ha pouco apresentada á Sociedade-economica-madrilense, pelo intelligente proprietario D. Juan Ruiz, uma memoria sobre os seus ensaios e estudos, neste ponto feitos em as terras de Leganés; neste trabalho o enxofre é muito elogiado como remedio eficaz do *oidium*, pedindo-se a sua entrada livre de direitos. A sociedade enviou a memoria a uma commissão.

Bom era que o governo por via do seu ministro em Madrid se informasse destes trabalhos, que talvez melhor conviessem ao nosso clima, do que os estudos e ensino vindo de França.

CORREIO

LISBOA 10 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

São tristissimas as noticias pelas quaes tenho de começar esta correspondencia. Desde hontem á noite que domina em toda esta cidade um grande cuidado, e uma indizível consternação, em consequencia do estado perigoso em que se acha el-rei, o sr. D. Pedro V.

Desde sexta-feira que a doença de S. M. se tem aggravado consideravelmente. O augusto infirmo teve hontem dois fortes accessos febris, acompanhados de grande sultura de ventre. Acresce ainda uma extrema debilidade e prostração.

As conferencias dos medicos são repetidas, e a todas assistem os ministros.

Ao paço das Necessidades ha uma grande concorrência de pessoas de todas as classes, que procuram informar-se do estado do sympathico soberano.

Hontem pelas 11 horas da noite começou-se a fazer préces em todas as freguezias. O tanger dos sinos pelas horas mortas da noite augmentava a tristeza da cidade.

Perce, porem, pelo que se lê na *Opinião* de hoje, jornal que deve estar bem informado, que S. M. depois das tres horas da madrugada tinha alguns allivios.

Deus lh'os continue, e conserve a vida d'um principe, que tão sympathico é a todo o seu povo!

O sr. infante D. Augusto vac um pouco melhor, mas ainda está muito doente, dando tambem bastante cuidado.

Em má hora saíram de Lisboa para o Alentejo os tres principes!

S. M. o sr. D. Fernando está inconsolavel.

Era hontem o dia que el-rei tinha destinado para sair do palacio das Necessidades para o de Belém, cujos quartos já estão competentemente arranjados para receber a familia real; mas, em consequencia do estado d'el-rei, a transferencia ficou addiada para melhor occasião.

S. M. tem recebido demonstrações do mais vivo sentimento da parte d'alguns soberanos pelo fallecimento do sr. infante D. Fernando. Os pri-

meiros que telegraphicamente se derigiram a S. M. foram os imperadores dos francezes e d'Austria, e a rainha de Hespanha.

No dia 8 pelo meio dia daya entrada na igreja de S. Vicente de Fóra o cadaver do sr. infante D. Fernando. As ceremonias religiosas da missa e responsorios findaram pouco depois das duas horas da tarde.

Foi grande a concorrência ao templo. Todo o corpo diplomatico esteve presente aos actos funebres, bem como os ministros, conselheiros de estado, altos funcionarios, e associações artisticas.

A guarda do paço e a guarda d'honra junto á igreja era feita pelo batalhão de caçadores n.º 5, do qual era major o augusto finado.

Toda a guarnição da capital formou em alas desde o paço das Necessidades, seguindo depois atraz do corpo até S. Vicente. No fim, toda a tropa deu as descargas do estilo.

As lojas das ruas por onde passou o prestio funebre estiveram fechadas.

Tem sido censurado, e com razão, que as janellas da Junta do Credito Publico estivessem abertas, e adornadas de senhoras.

Foram tambem dados á sepultura no cemiterio dos Prazeres os restos mortaes da sr.ª D. Maria da Gloria Coelho Leitão, filha do sr. Manoel de Jesus Coelho. Era bella, muito moça, e tinha casado ha pouco tempo.

O acompanhamento foi numeroso; compunha-se de mais de cem carroagens, em que iam os amigos do sr. Manoel de Jesus Coelho, que nesta occasião recebeu uma nova prova de consideração e sympathia.

No cemiterio, pegaram ás borlas do caixão os srs. conde de Rio-Maior, barão de Villa Nova de Foscoa, Vellez Caldeira, Santos Monteiro, Santa Anna e Vasconcellos, e o inspector do arsenal, Gonçalves Cardoso.

É hoje o dia da grande lucta eleitoral para a camara municipal. Ha todas as presumpções de que a actual vereação fique recolta na sua maioria, se é que o não for na quasi totalidade.

Partiram hontem de Southampton, no vapor inglez da carreira do Brazil, os srs. infantes D. Luiz e D. João.

Durante a sua curta permanencia em Paris estiveram hospedados no Louvre, tendo ás suas ordens o visconde de La Ferriere, camarista do imperador Napoleão, e o sr. Hamelin, seu ajudante d'ordens.

Os augustos viajantes, em vista das noticias que receberam de Portugal, não puderam assistir ás festas que lhes estavam preparadas em Compiègne, e sahiram de França a toda a pressa.

Li hontem n'uma folha de Hespanha que a visita dos principes portuguezes a Compiègne não era extranha a combinações feitas entre a França e Inglaterra por causa da monarchia que se pretende estabelecer no Mexico, devendo o principe, ao qual fosse dada a coroa, casar-se com a filha dos duques de Montpensier.

Creio que esta noticia não passa d'um esforço de imaginação do jornalismo hespanhol.

Veneza, pelo que se lê nas folhas francezas, está sendo o ponto de reunião dos chefes da reacção europeia: Acham-se actualmente naquella cidade e ex-fei de Napoles, o conde de Chambord, a duquesa de Berry, e os duques da Toscana, acompanhados da clientella que os rodeia; e que symbolisa entre aquellas summidades o espirito da reacção politica e religiosa.

Vi hontem no *Siecle* a notavel circular do ministro das justicas do rei Victor Manuel, dirigida ao clero da Italia. É um documento longo, mas bem escripto, e pelo qual se conhece a guerra que está fazendo o clero ao novo reino de Italia, e á ordem de cousas novamente estabelecida naquella peninsula.

A guerra entre o liberalismo e a reacção é um facto indubitavel. Oxalá que o primeiro possa annullar todas as tentativas da segunda, e que todos os liberes se unam por um accordo commum para debellar os projectos dos reaccionarios. A religião para estes é apenas um pretexto; a verdadeira causa que os põe em movimento é a politica.

A obra de Mr. Guizot «*A Igreja e Sociedade Christã*» que a *Nação* já começou a publicar em folhétim, vac brevemente apparecer traduzida em portuguez. Os traductores são os srs. Augusto Lima, e Ferraz de Miranda.

Tambem já está vertido em portuguez, e impresso o artigo, de que anteriormente lhe fallei, publicado pela *Revista dos dois Mundos*, e que se intitula «*A Questão Romana*». Vac ser brevemente posto á venda.

Hontem representou-se o *Trovador* em S. Carlos; a concorrência foi muito diminuta.

No *Jornal do Commercio* appareceu uma carta do capellão de caçadores n.º 5, em que se queixa de lhe ter sido prohibido celebrar missa na igreja de S. Nicolau. O signatario attribua a resolução contra elle tomada ao facto de ter dito a missa por alma do conde de Cavour, nas exequias solennes que houve na capella de Santo Antonio.

No mesmo jornal de hontem foi publicada uma correspondencia do sr. Barata Salgueiro, prior da freguezia de S. Nicolau, na qual explica os motivos pelos quizes, na sua ausencia, se tomou semelhante resolução.

Não commento o facto. Se a redacção do *Districto de Aveiro* quiser publicar toda a correspondencia que tem havido sobre este assumpto, e que tem sido publicada pelo *Jornal do Commercio*, os leitores que a commentem,

O sr. ministro das justicas tomou conhecimento do acontecido, e prometteo ao queixoso providenciar como a gravidade do caso exigia, passando a entender-se immediatamente com o sr. cardeal patriarca.

No *Diario* saiu hoje o seguinte supplemento:

«S. M. o sr. D. Pedro 5.º tem tido ha tres dias repetição dos accessos febris, o ultimo começou na madrugada do dia de hoje, e terminou pelas tres horas da tarde.

«As sete horas e meia da noite sobreveio uma syncope, acompanhada d'uma violenta dor de cabeça. S. M. a esta hora, (nove da noite) sente já consideravel allivio, e continúa sem symptomas febris.

«O sr. infante D. Augusto não teve hoje accesso febril.

«Paço das Necessidades 9 de novembro de 1861, ás nove horas da noite.

«Barão da Silveira, Barão de Kessler, Dr. Bernardino Antonio Gomes, Dr. Francisco Antonio Barral.

Consta-me que S. M. foi sacramentado e ungido pelas quatro horas da manhã. O seu estado é muito assustador.

A' ULTIMA HORA.

NOTICIAS DA FAMILIA REAL.

O correio trouxe-nos hoje nos jornaes do Porto, noticias da familia real, que augmentam a consternação e a anclidade em que já nos achavamos, em virtude das noticias hontem telegraphicamente recebidas nesta cidade.

Em todas as folhas vem partes telegraphicas que dão o sr. D. Pedro V agonizante, e o «Nacional» á ultima hora dá a triste noticia do seu trespasse!

Não podemos ter ainda como indubitavel esta ultima noticia, porque hontem á noite, posterior á hora em que o correio devia sair do Porto, disse-se pelo telegrapho para esta cidade, que o real enfermo ainda vivia.

Não se descreve a agitação em que se acha a cidade. Todos perguntam pelo estado de S. M., com interesse e consternação.

Dizem ainda as folhas do Porto, que se achava já composta uma regencia dos srs. marquez de Loulé, Avila, Moraes Carvah, e viscondes de Castro e de Laborim. Os srs. infantes D. Luiz e D. João eram esperados em Lisboa no dia 14.

EXTERIOR

Recebemos jornaes estrangeiros, dos quaes extrahimos o seguinte:

Despachos telegraphicos — Berlim, 3. — A «Gazeta Universal da Prussia» publica noticias de Moscow que dizem ter rebentado violentas desordens entre os estudantes, mas que foram reprimidas pela força armada.

Redigiu-se uma representação com 1:700 assignaturas, que pedem que se ponham os presos em liberdade, e que se estabeleça de prompto uma constituição.

A universidade de Casan foi encerrada, por que todos os estudantes haviam tomado parte nas desordens em Charkon.

Os disturbios que se deram nas outras universidades eram premeditados, e só a universidade de Kiev está tranquilla.

Dizem tambem de S. Petersburgo, que o conde Schouvolef, chefe da policia, foi a Moscow ao encontro do imperador para apresentar a sua demissão.

Foi preso o secretario de um dos ministros por ter recebido assignaturas em uma representação a favor dos estudantes de S. Petersburgo, que devia ser entregue ao imperador no seu regresso á capital. Reccia-se que o regresso deste seja pretexto para demonstrações hostis ao actual governo.

Pariz, 5. — O «Moniteur» annuncia que no dia 31 do mez ultimo foi assignado em Londres o convenio accordado entre as tres potencias para obter do Mexico a reparação dos aggravos.

O general Goyon apresentou-se ao imperador, e foi perfectamente recebido por este.

Diz-se que o governo imperial lhe augmentará a graduacão.

Vienna, 3. — A «Gazeta de Vienna», desmente as asserções de diversos jornaes pelo que respeita aos conselhos que tinham sido dados ao governo austriaco por diversos gabinetes estrangeiros sobre a questão da Hungria e do Veneto.

Corre que a Russia se reconciliará por fim, com a Austria.

Turin, 5. — As prisões feitas em Napoles de correspondentes da reacção, impediram a expedição reaccionaria que se estava preparando em Malta.

Londres, 5. — Os trigos experimentaram a alta de um schelling.

Varsovia, (sem data). — O marquez Vidopolski foi chamado a S. Petersburgo, e julga-se que regressará nomeado governador da Polonia.

— Da *Correspondencia*:

Turin, 2. — Dizem os jornaes que em alguns districtos da provincia de Vicenzo, os al-

deões querendo prevalecer-se do antigo direito de pastos, já abolido, commetteram violencias contra os proprietarios e foi necessario empregar a força armada.

Pariz, 2. — Mais de 100 hotentotes foram mortos em uma degolação terrivel que houve na Africa meridional

Na segunda-feira chegará a Compiègne a primeira serie de convidados que vão ali por semanas. Na primeira semana vac este anno o embaixador d'Hespanha.

Diz o «Pays», que o general Prim commandará a expedição hespanhola que se prepara para o Mexico.

Este mesmo jornal trata de desculpar a violação do territorio francez na Suissa.

A Grã-Bretanha continúa activamente o armamento de Malta, e augmenta os navios que estacionam naquelle porto.

Omer-pachá trata de render, por meio da fome, os insurgentes de Herzegovina, segundo alguns jornaes. Mas, em vista do que dizem de Ragusa, o dito general perdeu uma batalha a 20 de outubro, deixando no campo 700 mortos e 120 feridos.

Roma, 3. — As chuvas causaram desabamentos no caminho de ferro de Civita-Vecchia, e por isso ficou interrompida a circulação.

— Da «Chronica dos dois mundos»:

Pariz, 4. — Ha noticias de Cochinchina, que são de summa importancia para a Hespanha.

O almirante Charner deu uma proclamação ás provincias da baixa Cochinchina, na qual lhes diz, que todas pertencem a França.

 **MOVIMENTO DA**
BARRA
Aveiro 11 de novembro
SAHIDAS
LIVERPOOL. — Hiata port. Aveirense, cap. J. Gonçalves, 8 pessoas de tripol., com laranja.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

REVISTA AGRONOMICA

Encyclopedica periodica de agricultura nacional e estrangeira.

Publicou-se em brochura de 24 paginas com as gravuras necessarias para a intelligencia do texto. Assigna-se por — 2\$000 rs. por anno; 1\$000 rs. por semestre; e 500 rs. por trimestre, — no Porto, em casa do sr. Oliveira, & C.ª rua de Santo Antonio, 49; em Lisboa, nas lojas dos srs. Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro, e Lavado, rua Augusta.

Este periodico, occupando-se de todos os assumptos interessando a nossa agricultura, conta já seis annos de existencia. Alem disto está ao alcance de todas as intelligencias do mesmo modo que está ao alcance de todas as bolsas.

No dia 17 do corrente ás dez horas da manhã, nas salas do tribunal se hão-de arrematar — uma morada de casas terras na rua do Outão, em Esgueira, que partem do norte com Manoel José Matheus, e do poente com Ludovina Maria de Jesus, avaliadas em 20:000 reis; outra casa na mesma rua, que parte do norte com Manoel Duarte, e poente com herdeiros de Antonio da Cunha, avaliada em 14:400 reis, por execução de João dos Santos Quaresma e Ludovina Maria, contra o referido Manoel José Matheus, d'Esgueira — escrivão, Leite Ribeiro.

Pelo cartorio do escrivão — Gusmão — P pelo requerimento do reverendo padre Antonio Francisco Estima, prior da freguezia de Eirol — correm editos de 30 dias a contar do dia 19 de outubro findo — a citar o reu Antonio Dias Coelho, da extincta villa de Eixo, para na segunda audiencia deste juizo de direito, depois de findo aquelle termo, vir fallar ao libello de divida, que lhe move o mesmo prior, e deduzir o seu direito, — sob pena de revelia.

A' uma hora da tarde. — Recebemos o seguinte telegramma: Lisboa 12: Falleceu hontem o sr. D. Pedro V pelas 7 horas e meia da noite. S. M. El-Rei o sr. D. Fernando, pelo voto do conselho d'estado assumiu a regencia durante a curta ausencia de S. M. o sr. D. Luiz 1.º, e confirmou o ministerio.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.